

Katherine Chase/ Unsplash



“Cadê o seu pai?”

De fato, tudo que é construído na infância, visto pelo olhar da criança, é guardado em sua memória com acontecimentos que ela não queria ter presenciado. Fernanda Souza (nome fictício), 22, nasceu dentro da guerra de seus pais, que se separaram quando ela tinha apenas 3 anos. No começo, confessa que não entendia o porquê do drama familiar ter inaugurado tantas cicatrizes em seu peito. Mas, à medida que foi crescendo, percebeu que estava no meio de uma realidade dura e difícil.

“Por um lado, uma mãe solteira revoltada com o término; por outro, um pai que vacilou de diversas maneiras e se ausentou depois da separação”, diz a jovem. Ao longo do tempo, percebeu-se cada vez mais distante daquele que deveria cumprir o papel de homem de sua vida. E isso, como afirma, porque se viu tomando as dores da mãe em relação às vivências que ela teve com o ex-companheiro. Foi aí que virou a chave: Fernanda estava sendo alienada.

“Havia coisas que realmente me davam motivos para ficar chateada com ele, mas boa parte era por situações que a minha mãe tinha passado com ele no casamento, não eu. Como fui criada por ela, a raiva e todos os outros sentimentos foram passados pra mim”, relembra.

Todos esses elementos presentes no crescimento da jovem implicaram no difícil acesso ao pai, que acabou se afastando. Crescer sem uma companhia masculina fez nascer em Fernanda cicatrizes ainda na infância, que perduraram na

adolescência e ainda precisam ser cuidadas na vida adulta.

“Não consigo abraçar nem me expressar afetivamente sem sentir um incômodo no peito. Parece que ele é um estranho para mim, mesmo que tenhamos melhorado nossa relação. Essa situação refletiu muito nos meus relacionamentos, principalmente amorosos”, expõe. Ela cita ainda a dificuldade em verbalizar mágoas ou mesmo pedir desculpas.

Acredita que tudo isso tenha sido gerado pela forma como viu a mãe conduzir a relação com o pai. Durante a infância, a escutava dizer coisas como: “Eu tô aqui fazendo tudo por você, ‘cadê seu pai?’. Seu pai fez tal coisa e você ainda quer sair com ele?”.

Escutar e absorver tantas informações não foi fácil. Apesar da barreira em lapidar afeto paterno, Fernanda conta que o relacionamento entre os dois melhorou, que é tranquilo. Mesmo assim, os traumas e cicatrizes ficaram, pois, quando o assunto é afeto, esquecer parece nunca ser uma opção.

“Isso não é só em relação ao meu pai. Depois que tive plena consciência da situação em que estava, sinto a mesma coisa com a minha mãe. Meu lado maduro e adulto entende tudo que ela passou, entende a situação em que ela estava (criando uma filha sozinha, desempregada), mas minha criança interior vê uma mãe que não poupou uma criança de problemas que não eram para ser absorvidos, que perdeu a

infância e uma relação melhor com o pai por conta dessas brigas”, expressa.

A importância de acolher

Nos últimos anos, o tópico alienação parental vem ganhando força e levando informação para aqueles que desconhecem a expressão. Muito dessa conquista vem daqueles que agem pela causa. A Associação Nacional em Defesa dos Filhos Pela Igualdade Parental (ANFIPA) é um exemplo. Fundada em julho de 2019, a instituição luta contra a prática, além de assistir e acolher pais e filhos vítimas.

O atual presidente da associação, Vinicius Ferreira, 44, comenta que o trabalho realizado em torno dessas pessoas aborda a importância de informar, por meio de estudos, publicações, matérias e teses, quais são os atos de alienação e do que se trata o direito familiar. Graças ao grupo, e a tudo o que estão fazendo, o termo alienação parental ganha visibilidade. Com assistência terapêutica, reuniões nas cúpulas de Brasília, os esforços e as energias em prol do combate são imensos.

Ainda sim, conseguem acolher e abraçar. “Se não ajudarmos essas pessoas, o desespero delas pode tomar contornos absurdamente cruéis e terríveis. Não são raros os casos de suicídio. É muito importante que essas pessoas saibam que tem gente capacitada para lidar com isso, e que elas não estão sozinhas. Isso é uma coisa que fazemos. Acolhemos pessoas”, enfatiza Vinicius.